



PODER

Lira enquadra Planalto e cobra respeito a acordos

Na reabertura dos trabalhos do Congresso, presidente da Câmara defende o acesso dos deputados ao Orçamento da União e prega ao Executivo o "compromisso com a palavra dada", ao se referir a emendas parlamentares

» ALINE BRITO
» ÁNDREA MALCHER
» EVANDRO ÉBOLI

Na sessão solene do retorno do Congresso Nacional, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), fez um discurso cheio de recados ao Palácio do Planalto. Ele defendeu o acesso dos deputados ao Orçamento da União e cobrou do governo "compromisso com a palavra dada", ao se referir a emendas. Os parlamentares têm sido alvos de críticas pela sanha de controlar um naco considerável do Orçamento. Entre as variedades de emendas, o montante ultrapassa R\$ 50 bilhões.

"Somos nós que nos dividimos entre os ministérios, o plenário e nossas bases, sendo vozes dos nossos representados. Não admitimos ser criticados por isso. Quanto mais intervenção fizermos no Orçamento, mais o Brasil esquecido será ouvido", discursou Lira. "Somos o elo com os mais de cinco mil municípios. Não faltamos ao governo e esperamos da mesma forma o reconhecimento, o respeito e o compromisso com a palavra dada, que é cláusula pétrea no nosso dia a dia."

Lira acrescentou: "Não esperamos menos do que isso para cada um dos nossos 512 colegas de trabalho. Com essa regra do jogo simples, fazemos nosso papel de legislar em interesse do país. Essa Casa nunca foi ponto de tensão nem de desequilíbrio".

O presidente da Câmara pregou que a "boa política" se faz com o "respeito aos acordos firmados e o cumprimento à palavra empenhada". Ele foi aplaudido várias vezes pelos deputados, que não eram em grande número. Ao contrário, a sessão foi esvaziada. Esse nunca foi um evento de atrair parlamentares, menos ainda numa véspera de carnaval.

Lula Marques/ Agência Brasil



Arthur Lira na sessão solene, ao lado de Rui Costa e Alexandre Padilha — ministro que o presidente da Câmara deu sinais de não querer no cargo

Marcos Oliveira/ Agência Senado



Parlamentares na sessão solene que abriu os trabalhos ontem

O deputado que comanda a Câmara acredita que não faltou colaboração de seus liderados com o governo. E essa seria mais uma razão de exigirem a "natural contrapartida".

Em nova citação às emendas, ressaltou que o Orçamento é de todos, e não apenas do Executivo. "O Orçamento não é e nem pode ser de autoria exclusiva do Executivo e muito menos de uma burocracia técnica que não foi eleita para escolher as prioridades da nação e não gasta a sola de sapato percorrendo os pequenos municípios brasileiros como nós, parlamentares", disparou. Apesar das declarações, Lira negou que o momento seja de "tensão" com o Palácio do Planalto.

O tom de Pacheco

Em tom bem diferente, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG) — hoje muito próximo de Lula —, fez uma defesa da autonomia parlamentar e disse que proteger os mandatos é assegurar a liberdade na plenitude.

"Liberdade de consciência, liberdade religiosa, liberdade de imprensa. Proteger a tão necessária liberdade de expressão, que não se confunde com liberdade de agressão", disse o senador.

Pacheco frisou a importância do equilíbrio entre os Três Poderes para o progresso socioeconômico nacional. "Trabalharemos para aprimorar a maneira como atuam os Poderes da



O Orçamento não é e nem pode ser de autoria exclusiva do Executivo e muito menos de uma burocracia técnica que não foi eleita para escolher as prioridades da nação e não gasta a sola de sapato percorrendo os pequenos municípios brasileiros como nós, parlamentares"

Arthur Lira (PP-AL), presidente da Câmara

República, inclusive os Poderes Executivo e Judiciário, sempre prezando pelo diálogo e pelo respeito mútuo, algo essencial para garantir mais segurança jurídica e, conseqüentemente, o progresso socioeconômico nacional", frisou.

Para o presidente do Senado, somente a atuação colaborativa, transparente e harmônica de cada um dos Poderes, nas três esferas de governo, é capaz de proporcionar que os gestores efetivem as políticas públicas necessárias ao desenvolvimento da nação e de cada indivíduo.

"Enquanto representantes do povo brasileiro, é nosso dever, como Congresso Nacional, manter uma postura de equilíbrio e imparcialidade. Nosso compromisso transcende as fronteiras partidárias e ideológicas, pois somos representantes de toda a nação", destacou.

Padilha: ótima relação de governo e Congresso

Pedro França/ Agência Senado



Padilha afirma que seu ministério "não é o das relações interpessoais"

O ministro das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, era a mais aguardada presença na volta do Congresso aos trabalhos, ontem. A presença era dúvida, mas o presidente Luiz Inácio Lula da Silva o orientou a comparecer. A ausência soaria como fragilidade no momento em que o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), deu sinais de que não o quer no cargo. O ministro fez discurso de quem permanece e conta com o apoio do Palácio do Planalto.

Em meio a essa tensão, Padilha chegou ao Salão Verde da Câmara e, de imediato, foi falar com os jornalistas. O auxiliar do presidente minimizou a crise que ameaça se instalar na relação da Câmara com o Executivo e afirmou que o governo não rompeu nem romperá com nenhum dos dois presidentes das casas legislativas.

Padilha não citou o nome de Lira, que teve o mesmo comportamento no seu discurso no plenário. O presidente da Câmara, no que pareceu uma provocação, fez referência a outro integrante do

governo presente, o ministro da Casa Civil, Rui Costa.

Padilha falou que a relação entre governo e Congresso é a melhor possível.

"O governo tem ótima relação com o Congresso Nacional. E assim continuará. Eu, pessoalmente, me reúno todos os dias com líderes da Câmara e do Senado, e, desde que cheguei ao governo, com os presidentes das duas Casas, com líderes da base e da oposição. O governo nunca rompeu e nunca romperá com o Congresso Nacional. Nunca existiu nem nunca existirá rompimento", enfatizou.

Sem conflito

Assim como Lira, Padilha negou que o momento é de conflito e tensão entre os dois Poderes. O presidente da Câmara chegou a dizer que "erra" quem aposta nessa possibilidade.

"Este governo não gera conflito, não entra em conflito. O grande esforço é manter as relações institucionais. Esse é o Ministério das Relações Institucionais,

não o das relações interpessoais", destacou. "Essa relação entre governo e Congresso está melhor do que nunca. Vão continuar os gols marcados por essa dupla Executivo-Legislativo."

Costa, por sua vez, foi na linha do colega de governo e não deixou prosperar a ideia de um racha do Planalto com Lira. Falou em "ruído" ocorrido nas férias.

"Teve um período de férias, as pessoas estavam distantes e, às vezes, pelo celular, a comunicação tem ruídos. Presencialmente, o diálogo fica mais forte", argumentou o chefe da Casa Civil. "O governo está em concordância com os discursos dos presidentes Pacheco e Lira, principalmente no ponto em que eles afirmam a necessidade de aprimorar o diálogo e que as duas Casas querem o entendimento com o Executivo. E, quando dois querem, a briga não aparece. Quanto mais se conversa, mais as opiniões se aproximam", acrescentou.

Líder do governo no Congresso, o senador Randolfe Rodrigues

(sem partido-AP) comentou que Padilha tem a confiança de Lula. "Ele não tem nenhuma incompatibilidade com o presidente da Câmara. Podem existir algumas contradições, mas isso não é nada que não seja resolvido. O ministro-chefe da articulação política goza da confiança do presidente da República, goza da confiança dos líderes da Câmara e do Senado."

Essa posição não é unânime no governo. Alguns integrantes da base prefeririam que Padilha não fosse ao Congresso, e outros apontam que, de fato, há uma falta de diálogo entre o governo e o Congresso, principalmente quando se trata da votação de projetos importantes.

"Padilha está no meio do fogo cruzado, uma vez que ele é o articulador e precisa arrefecer os ânimos com o Congresso. Ele é só a ponta do iceberg, o problema está na falta de tato do governo para dialogar e das divergências que surgiram no último ano", entende um parlamentar de esquerda, que pediu reserva. (AB, AM e EE)